

Dança / Música
21 de setembro 2013

Utopía

de María Pagés

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Ideia, direção, coreografia, cenografia e desenho de figurinos María Pagés **Coreografia farruca e assistente de coreografia** José Barrios **Música e arranjos** Rubén Lebaniegos, Fred Martins, Isaac Muñoz e José “Fyty” Carrillo **Letras** Charles Baudelaire, Mario Benedetti, Miguel de Cervantes, Antonio Machado, Larbi El Harti, Pablo Neruda, Oscar Niemeyer, Marcelo Diniz **Iluminação** Pau Fullana **Desenho de som** Albert Cortada **Tingidos e pinturas de telas** María Calderón **Fotografia** David Ruano **Construção do cenário** Eduardo Moreno **Confeção dos figurinos** Ángel Domingo **Chão** Harlequin Floors **Sapatos** Gallardo Dance **Baile** María Pagés, Isabel Rodríguez, María Vega, Eva Varela, José Barrios, José Antonio Jurado, Paco Berbel, Rubén Puertas **Músicos** Ana Ramón e Juan de Mairena (cante), Rubén Lebaniegos e José “Fyty” Carrillo (guitarra), Fred Martins (voz, guitarra e cavaquinho), Sergio Menem (violoncelo) Chema Uriarte (percussão) **Luzes** Pau Fullana **Régie** Pablo Ramos **Operação de som** Albert Cortada **Monitores** Marc Santa **Maquinista** Juan Manuel Pérez **Produção** María Pagés Compañía e Centro Niemeyer **Coprodução** Les Nuits de Fourvière e Chekhov International Theatre Festival **Apoio** Fundación Loewe **Em colaboração com** Comunidad de Madrid, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte e Instituto Andaluz del Flamenco

Sáb 21 de setembro

21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h30 · M12

Utopía

Um caminho com oito paisagens

Utopía. Um prólogo, um índice do que está para vir, uma apresentação de personagens, símbolos e motivos.

Música: Fred Martins; Letra: Marcelo Diniz

Díálogo. Uma reflexão sobre a igualdade e o equilíbrio encenado com a *farruca* (uma das formas do flamenco; outras surgirão nas diversas partes, referidas em itálico).

Música: Isaac Muñoz

Tempo quebrado. Fala-nos da brevidade da vida, da ordem e do caos, do confronto, dos que ganham e dos que perdem, do cativeiro, da liberdade e do exílio.

Música: Rúben Lebaniegos e popular (*Trilla-Soleá*); Letras: Pablo Neruda, Miguel de Cervantes e Rúben Lebaniegos

Consciência e desejo. Um poema bailado em que María Pagés se submerge nessa sombra mais além da sombra, no interior de si mesma.

Música: Rúben Lebaniegos (*Granaina-Rondeña*); Letra: Larbi El Harti

Vamos juntos, companheiro. Um baile coral sobre a solidariedade.

Música: popular (*Debla-Martinete*); Letra: Mario Benedetti

Caminho vermelho. Uma metáfora do caminho machadiano (do poeta Antonio Machado, que escreveu um

muito conhecido poema em que se diz “caminante no hay camino:/ Se hace camino al andar”), das etapas da vida construídas no andar.

Música: José “Fyty” Carrillo e popular; Letra: Antonio Machado

É aí que eu quero viver. Uma aposta na ironia e na alegria.

Música: Rúben Lebaniegos, Caio Marcelo e popular (*Guajira-Tangos*); Letra: Oscar Niemeyer

Elevação. Significa o fim do caminho. A rutura das prisões. A alegria da subida a um lugar, o Cosmos, de onde podemos ver quão pequenos somos.

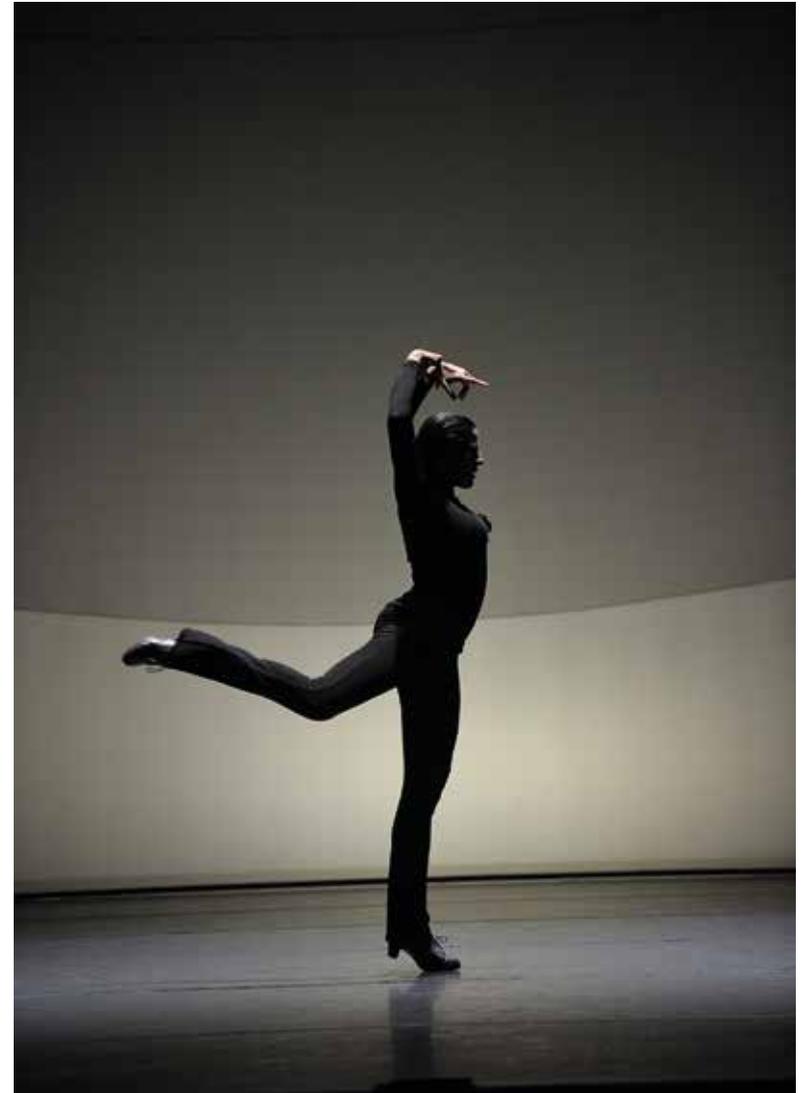
Música: Rúben Lebaniegos e popular (*Alegrías*); Letra: Charles Baudelaire

Oscar Niemeyer lembrou-me que na humanidade não há hierarquias, que todos estamos numa mesma e única dimensão. Oscar lembrou-me que nesta igualdade rejuvenesce a esperança de poder mudar o mundo. Porque todos rimos e choramos. E todos nascemos e morremos...

María Pagés

A vida é um sopro. Tudo acaba. Dizem-me que depois de eu morrer outras pessoas verão a minha obra. Mas essas pessoas também morrerão. E virão outras, que também se irão. A imortalidade é uma fantasia, uma maneira de esquecer a realidade. O que importa, enquanto aqui estamos, é a vida, a gente. Abraçar os amigos, viver feliz. Mudar o mundo. E nada mais.

Oscar Niemeyer



© David Ruano

Utopía

Utopía é a última criação de María Pagés.

Uma declaração de princípios sob a forma de baile flamenco que nasceu da admiração da artista pelo arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer. Um humanista, falecido em dezembro do ano passado, a 10 dias de completar 105 anos, que deixa como legado a inconfundível sinuosidade dos seus edifícios e, sobretudo, a integridade, o compromisso e a solidariedade que guiaram a sua vida, convertida em inspiração e mensagem. Uma mensagem que Oscar transmitiu a María nos encontros entre os dois no seu estúdio de Copacabana.

Utopía, que se estreou em 8 de outubro de 2011 no Centro Niemeyer de

Avilés, Espanha, é uma reflexão emocional sobre o desejo, a imaginação e o instinto dos seres humanos para sonhar um futuro melhor.

Um projeto global em que os sete *bailaores* interpretam com Pagés a experiência ética e estética do desejo, do inconformismo e da utopia.

O espaço cénico alimenta-se, – como os esboços de Oscar – das curvas que desenham a silhueta da natureza. Nas palavras do arquiteto: “O que me atrai não é a linha reta, dura, inflexível, criada pelo homem. O que me atrai é a curva livre e sensual. A curva que encontro nas montanhas do meu país, na sinuosidade dos seus rios, nas ondas do mar, nas nuvens do céu, no corpo da minha mulher favorita. De curvas é feito o universo, o universo curvo de Einstein”.



© David Ruano

Utopía é, na sua essência, o título de uma dança poetizada que se estrutura em oito partes (ou versos) que convocam poemas de Baudelaire, Benedetti, Neruda, Machado, Larbi el Harti e do próprio Niemeyer, incorporando ainda palavras do *Quixote* de Cervantes.

Poemas que falam fundo sobre a solidariedade, o compromisso, o exílio, a fugacidade da vida, a pequenez dos homens num cosmos indiferente às suas misérias e grandezas e – agora mais do que nunca – sobre a urgência da imaginação e do idealismo como motores necessários para a mudança.

María baila-o e Oscar di-lo:

Quando a vida se degrada e a esperança foge do coração dos homens, a revolução é o caminho a seguir.

O processo criativo

Utopía é o resultado de quase dois anos de investigação. Uma procura criativa marcada por leituras e visões, referências pictóricas, musicais, arquitetónicas e escultóricas.

Em *Utopía* estão os poetas já referidos, a esperança incombustível de Dom Quixote e está também o espírito de outros autores que acompanharam María Pagés no processo. Autores como Gilbert Durand, Gaston Bachelard, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant.

Em todos eles María encontrou, de uma maneira ou de outra, uma rede de simetrias e coincidências, um universo de símbolos e propósitos comuns: o anseio pela harmonia, a complementaridade da luz e da sombra, a defesa da

alegria, o impulso para nos elevarmos, para compreendermos o mundo e transformá-lo – ou senti-lo – como um reflexo do melhor de nós próprios.

María Pagés articulou todo o processo criativo de *Utopía*. O espaço cénico que acolhe esta coreografia flamenca traduz a sua interpretação pessoal da ideologia arquitetónica de Oscar Niemeyer; a música, do seu trabalho com Rubén Lebaniegos e Fred Martins; os figurinos – que ela mesmo desenhou e foram todos fabricados à mão – contam com o trabalho de Maria Calderón para o tratamento das texturas e das cores dos tecidos.

O espaço cénico

A partir de um traço nasce a arquitetura...

Oscar Niemeyer

Um espaço diáfano. Uma tela em branco que propicia esse momento em que a linha imaginada sulca o ar e se converte em matéria.

Em baixo, um caminho vermelho que serpenteia. Em cima, elevadas e leves como os traços flutuantes do arquiteto que sonha, três linhas que ascendem e descendem, libertam e encarceram, bailam e jogam com a coreografia, a luz, a sombra e a música.

É uma cenografia liberta da construção arquitetónica, depurada ao extremo, primordial e primigénio. Uma arquitetura embrionária que evoca e sugere “a praça aberta a todos os homens e mulheres do mundo”, “as curvas generosas de espaços amplos e abertos”.

María Pagés imaginou não só as formas exteriores, mas também a arquitetura interior, a que acolhe a paisagem e as transformações da alma. Quebrando as linhas retas dos teatros, dando lugar a um espaço curvo e puro que nos leva de volta às origens, ao primeiro estádio dos planos do arquiteto, essa fase em que ainda não há matéria, mas apenas ar, abertura, possibilidade e futuro.

Este é um espaço cénico sem densidade, um espaço sem matéria. Porque a arquitetura é, com diz Oscar, “uma questão de sonhos e fantasias”.

Os bailarões e os músicos

Todos no mesmo plano, iguais no espaço e no tempo, estão rodeados do invisível. Dos sonhos e dos desejos.

Em *Utopía* viajamos entre as composições corais (que revelam a solidariedade e o conflito, o companheirismo e a incompreensão, a ordem e o caos, a ironia e a participação numa alegria comum), e os solos em que María Pagés materializa em cena o mundo interior, a procura de si próprio, a transição simbólica dos outros ao eu e do eu aos outros.

Vestidos da cor do betão, da matéria-prima, os *bailaores* e os músicos parecem cobertos do pó do caminho, do suor do trabalho, da densidade da terra. Sublinhando a propriedade escultórica dos corpos, eles mostram-se-nos como volumes em movimento ou como estátuas vivas, inspiradas nas esculturas de Auguste Rodin e Juan Muñoz.



© David Ruano

María Pagés

Nasceu em Sevilha. É reconhecida internacionalmente pela sua conceção pessoal da arte flamenco. Entende a arte como algo ilimitado e conquistou um lugar próprio no panorama da dança mundial.

Utilizando os códigos fundamentais da linguagem do flamenco e investigando dentro e fora do mesmo, Pagés tem demonstrado ser uma pioneira no entendimento do flamenco como uma arte em evolução, contemporânea e viva. Superou, com as suas coreografias, as diferenças culturais, convencida de que os intercâmbios artísticos favorecem uma maior compreensão entre os seres humanos. Segundo as suas palavras, o flamenco é um claro exemplo em como a união entre culturas, raças e religiões, pode criar um eco comum.

Em 2002 obteve o Prémio Nacional de Dança (Criação) e o Prémio ADE de Coreografia em 1996. Foi distinguida com o Prémio Léonide Massine para a Arte da Dança (na categoria “Al valore”), em 2004, com seis prémios Giraldillo na Bienal de Arte Flamenca de Sevilha e o Prémio Cultura da Comunidade de Madrid em 2007, entre muitos outros reconhecimentos e prémios.

Começou a sua carreira profissional com a Companhia de Antonio Gades. De entre as suas colaborações cinematográficas salienta a sua participação em *Carmen*, *El Amor Brujo* y *Flamenco* de Carlos Saura.

Em 1990 cria a Companhia María Pagés e desde então produziu as

seguintes obras coreográficas: *Sol y Sombra* (1990), *De la luna al viento* (1994), *El Perro andaluz. Bolerías* (1996), *La Tirana* (1998), *Flamenco Republic* (2001), *Canciones, antes de una guerra* (2004), *Sevilla* (2006), *Autorretrato* (2008), *Flamenco y Poesía* (2008), *Dunas* (2009), *Mirada* (2010) e *Utopía* (2011). Em 2002 coreografou, para o Ballet Nacional de España, *Ilusiones FM*.

Ao longo destes anos a Companhia tem estado presente nos melhores e mais prestigiados palcos do mundo, mas também impulsionou digressões com fins sociais em países como Índia, Moçambique, México e Honduras.

Em outubro de 2005 foi a companhia artística responsável pela cerimónia de inauguração da Cimeira Iberoamericana, celebrada em Salamanca. O ato inaugural incluiu a estreia da coreografia sobre um poema de José Saramago, *Ergo uma rosa*.

Mikhail Baryshnikov convidou María para dançar no Baryshnikov Arts Centre (BAC) de Nova Iorque em 2007, projeto que se completou com um trabalho de criação da coreógrafa em residência no BAC.

Em 2008 estreou *Autorretrato* no Tokyo International Forum. Expressão de um momento de reivindicação e plenitude artística, esta peça contou com a cumplicidade do Nobel da Literatura José Saramago, que se envolveu na obra dando voz ao seu poema *Ergo uma Rosa*.

Em outubro de 2009 o Teatro Real de Madrid programou a Companhia María Pagés, integrada na sua temporada de dança.

Também colaborou com o tenor Plácido Domingo em *Placio y la copla*. Nesse ano estreou o espetáculo *Dunas*, criado em colaboração com o coreógrafo Sidi Larbi Cherkaoui, em que ambos partilham o flamenco e a dança contemporânea, estabelecendo um diálogo de grande conteúdo poético.

Em janeiro de 2010 dirige a Gala Inaugural da Presidência Espanhola da União Europeia que teve lugar no Teatro Real de Madrid. Nesta gala partilhou o palco com Tamara Rojo e criou uma coreografia especial que ambas interpretaram juntamente como Coro Nacional de Espanha. Nesse mesmo ano estreia-se com grande êxito *Soleá pas de deux* no City Center de Nova Iorque, coreografia criada por María Pagés para Ángel Corella.

Mirada estreia-se em Sevilha, fechando a temporada do Teatro de la Maestranza em junho de 2010, com reconhecimento unânime de público e crítica.

Em 2011 criou *Utopía*, um espetáculo que nasceu da admiração da coreógrafa pelo arquiteto e humanista brasileiro Oscar Niemeyer.

www.mariapages.com

www.facebook.com/Maria.Pages.Cia

Próximo espetáculo

Pas de Deux

de Raimund Hoghe

Dança Sex 27, sáb 28 setembro
Grande Auditório · 21h30 · Dur. 2h · M12



© Rosa-Frank.com

Conceito e coreografia Raimund Hoghe
Com Raimund Hoghe e Takashi Ueno
Colaboração artística Luca Giacomo Schulte
Cenografia e luz Raimund Hoghe **Som** Frank Strätker **Fotografia** Rosa Frank **Administração/Difusão** Zvonimir Dobrovic **Produção** Companhia Raimund Hoghe (Düsseldorf/Paris)
Coprodução Theater im Pumpenhaus (Münster), Théâtre Garonne (Toulouse), Féstival d'Automne à Paris **Com o apoio de** Kulturamt der Landeshauptstadt Düsseldorf, Ministerium für Familie, Kinder, Jugend, Kultur und Sport des Landes NRW, FIAF Crossing the line (Nova Iorque), The Baryshnikov Arts Centre (Nova Iorque), Fondation d'entreprise Hermès, Montpellier Danse, résidence à l'Agora, cité internationale de la danse

O pas de deux é uma das estruturas básicas do ballet em que um par de solistas – homem e mulher – oferece aos espectadores toda extensão do

seu virtuosismo. O coreógrafo alemão Raimund Hoghe aborda o *pas de deux* de outra maneira: para ele trata-se literalmente de um passo, um passo para dois. Em *Pas de Deux*, Hoghe, europeu e mais velho e Takashi Ueno, japonês e jovem, estabelecem um diálogo sobre as suas semelhanças e as suas diferenças que podemos ver como uma pesquisa sobre a estrutura de uma relação (dançada) entre duas pessoas. Como nos muitos *pas de deux* que comediantes como Stan Laurel e Oliver Hardy (conhecidos como Bucha e Estica) desenvolvem nos seus filmes e que são determinados pelo potencial e pelas inabilidades de cada um dos parceiros, Hoghe e Ueno exploram quem são e onde a sua interação pode levar. Uma vez espelham-se um no outro, outras formam um contraste. O duplo e a diferença, a simetria e o contraste, a semelhança e a singularidade, são as fases por que passam nesta jornada comum.

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Estagiárias:

Luísa Fonseca

Patrícia Carvalho

Raquel Oliveira

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Álvaro Coelho

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Graça Fonseca

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Inês Hipólito

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo

CaixaBI
Banco de Investimento
CAIXA DE PENSAMENTO



Centro de Memória

nuits
de Tróia



LOEWE
A tradição da excelência



As emissões de gases com efeito de estufa associadas à produção desta publicação foram compensadas no âmbito da estratégia da CGD para as alterações climáticas.